

**PESSOAS SEM RELIGIÃO COM CRENÇA NO UNIVERSO DA ARTE
CONTEMPORÂNEA:**
a arte como expressão da crença não afiliada

***PEOPLE WITHOUT RELIGION WITH BELIEF IN THE UNIVERSE OF
CONTEMPORARY ART:***
art as an expression of unaffiliate belief

***PERSONAS SIN RELIGIÓN CON CREENCIA EN EL UNIVERSO DEL ARTE
CONTEMPORÁNEO:***
el arte como expresión de la creencia no afiliada

Daniela Cordovil *

Professora Adjunta de Antropologia da Universidade do Estado do Pará.
Universidade de Brasília.
Belém, PA. Brasil.

E-mail: daniela.cordovil@gmail.com

ORCID: [0000-0002-3896-1072](https://orcid.org/0000-0002-3896-1072)

RESUMO

O artigo aborda a arte como espaço de vivência de uma espiritualidade não religiosa no contexto dessacralizado do espaço público contemporâneo. A pesquisa foi realizada utilizando metodologia quantitativa e qualitativa para investigar catálogos, textos e documentos referentes a quatro grandes exposições de arte ocorridas entre 2016 e 2019. A pesquisa quantitativa concluiu que mais de 20% dos trabalhos expostos nestas amostras de arte abordavam algum tipo de espiritualidade. A pesquisa qualitativa na obra de quatro artistas contemporâneos demonstrou que suas obras possuem um caráter mágico e buscam levar ao público a uma experiência espiritual e mística. Como conclusão, a pesquisa demonstra que enquanto aumentam as pessoas sem religião; outras instituições, como a arte, passam a ocupar um local legítimo para a vivência do sagrado e da espiritualidade na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Espiritualidade; Magia; Xamanismo.

ABSTRACT

This paper addresses art as a space for experiencing non-religious spirituality in the desacralized context of contemporary public space. The research was carried out using quantitative and qualitative methodology to investigate catalogues, texts and documents referring to four major art exhibitions that took place between 2016 and 2019. The quantitative research concluded that more than 20% of the works exhibited in these art samples addressed some type of spirituality. Qualitative research into the work of four contemporary artists demonstrated that their works have a magical character and seek to lead the public to a spiritual and mystical experience. In

* Doutora, mestra e graduada em Antropologia Social pela Universidade de Brasília. Pós-doutorado pelo Centro de Ciências Sociais da Universidade de Coimbra.

conclusion, the research shows that while people without religion increase; other institutions, such as art, begin to occupy a legitimate place for the experience of the sacred and spirituality in contemporary society.

Keywords: Spirituality; Magic; Shamanism.

RESUMEN

El artículo aborda el arte como espacio para experimentar la espiritualidad no religiosa en el contexto desacralizado del espacio público contemporáneo. La investigación se realizó utilizando metodología cuantitativa y cualitativa para investigar catálogos, textos y documentos referentes a cuatro grandes exposiciones de arte que tuvieron lugar entre 2016 y 2019. La investigación cuantitativa concluyó que más del 20% de las obras expuestas en estas muestras de arte abordaron algún tipo de espiritualidad. Una investigación cualitativa sobre la obra de cuatro artistas contemporáneos demostró que sus obras tienen un carácter mágico y buscan llevar al público a una experiencia espiritual y mística. En conclusión, la investigación muestra que mientras aumentan las personas sin religión; otras instituciones, como el arte, comienzan a ocupar un lugar legítimo para la experiencia de lo sagrado y la espiritualidad en la sociedad contemporánea.

Palabras Clave: Espiritualidad; Magia; Chamanismo.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, diversos povos e culturas utilizaram a arte para expressar sua fé e estabelecer contato com o sagrado. A arte funcionou nestas circunstâncias como um mediador entre o humano e o divino. Foi com as vanguardas do final do século XIX e início do século XX que surgiu um movimento de crítica e distanciamento da arte em relação às instituições religiosas, especialmente o cristianismo. Por outro lado, alguns artistas pertencentes a estas vanguardas já sinalizavam que a arte deveria manter seu papel de mediação com o sagrado, agora através de um vínculo com a espiritualidade. Kandinsky foi o primeiro a teorizar sobre essas questões quando afirmou o lugar da arte abstrata como representação do sagrado em sua obra *Do Espiritual na Arte*, de 1911 (Kandinsky, 1996).

Ao longo do século XX foram muitos artistas que defenderam este pensamento, como Mark Rothko, cujas pinturas de cores fortes e monocromáticas são consideradas por alguns estudiosos como contendo referências espirituais (Dominguez, 2016). O próprio artista pretendeu atribuir este sentido a suas pinturas quando as utilizou para decorar a capela Rothko, em Houston, no Texas, uma obra arquitetônica encomendada em 1964 para ser um espaço meditativo não-denominacional e concluída em 2010. Joseph Beuys é apontado como um artista xamã, pois na sua performance *I Like America and America Likes Me* (1974) conviveu por dias com um Coiote em um recinto fechado. Para os críticos de arte, o coiote era um símbolo do xamanismo dos povos indígenas americanos em sua relação com a natureza (Vilhena, 2013).

Nessas e em outras obras de arte, não existem referências explícitas ao sagrado ou à divindade, porém, os críticos de arte, o público ou os próprios artistas descrevem que alguma representação de sagrado está presente nelas. Com isso, percebe-se que o lugar da crença não afiliada veio aumentando na arte moderna, um movimento que se intensificou na arte contemporânea. Enquanto rejeitam as instituições religiosas e a arte sacra tradicional, artistas contemporâneos buscam dialogar com a fé através de expressões de espiritualidade extraídas de universos não ocidentais, como o budismo, o xamanismo, esoterismo ou paganismo.

Este artigo irá tratar de alguns aspectos da expressão de uma crença não afiliada no universo da arte contemporânea por meio da análise de obras recentes. Esta crença manifesta-se prioritariamente de duas maneiras: 1) Por meio da criação e exibição em galerias de obras de arte que fazer referências a culturas e processos extraído de algum universo sagrado; 2) Por colocar a obra de arte em um papel de mediadora entre o ser humano e o sagrado, visto que essas obras pretendem propiciar algum tipo de experiência mística no público, pela qual também se supõe que passou o artista.

A metodologia utilizada na pesquisa foi a pesquisa bibliográfica e documental. Esta pesquisa foi realizada por meio da procura de dados a respeito das obras e artistas cujos trabalhos fazem referência a algum tipo de crença ou espiritualidade. Procura-se demonstrar que estes artistas e suas obras dialogam e têm forte apelo para uma categoria de sujeitos que vem sendo denominada como pessoas sem religião. O conjunto de pessoas que se declaram sem religião vem crescendo no mundo todo. Este grupo representa o terceiro maior grupo censitário no Brasil. Segundo Senra e colaboradores:

As pesquisas corroboram que autodeclarar-se 'sem-religião', não constitui obrigatoriamente ser irreligioso, como não significa necessariamente ter uma posição indiferente perante assuntos religiosos, ou ainda, não implica assumir uma perspectiva linear de crença (Senra *et al.*, 2022, p. 310).

A categoria dos que se declaram sem religião é um grupo heterogêneo e muitos desses sujeitos possuem uma crença não-afiliada, ou seja, declaram possuir uma fé pessoal, como afirmam Ritz e Senra:

Trata-se de pessoas que se autodeclaram sem religião, mas afirmam crenças religiosas, alguns falam de fé, e, sobretudo, indicam crenças oriundas de um passado religioso pessoal e/ou transmitido pela família, como aspectos da herança religiosa que se integram na memória religiosa. Não obstante, embora tenham crença, não se vinculam institucionalmente (Ritz; Senra, 2022, p. 319).

Ou seja, pessoas sem religião com crença são aqueles que possuem uma fé pessoal, porém afastam-se das instituições religiosas. Para demonstrar a relevância que estes temas vêm assumindo no universo da arte contemporânea, foram escolhidas quatro mostras de arte realizadas entre 2016 e 2019, cujas temáticas tangenciam de alguma forma discussões a respeito de espiritualidades. Por meio de uma busca nos catálogos destas exposições, foi possível determinar o percentual de obras que tratam de temas ligados à espiritualidade de mapear algumas características comuns a essas obras.

A primeira parte do artigo irá apresentar o resultado da pesquisa quantitativa nas obras descritas nos catálogos *on-line* das quatro exposições. A segunda parte do artigo irá discutir de forma qualitativa as obras de quatro artistas selecionados como amostra. Estes artistas foram escolhidos por suas obras realizarem uma abordagem qualificada como mágica. Ou seja, seus trabalhos artísticos procuram reproduzir rituais ou processos mágicos em galerias e circuitos de arte. O artigo fará uma análise destas características mágico-ritualísticas presentes em obras de artes, com o objetivo de apontar como as expressões da crença não afiliada manifestam-se no universo da arte contemporânea. Por fim, será feita uma breve discussão sobre as consequências deste movimento de aproximação entre arte e espiritualidade para a compreensão do universo da crença não-afiliada e suas intercessões com outros universos culturais da sociedade contemporânea.

2 OBRAS DE ARTE COMO EXPRESSÃO DE CRENÇA NÃO-AFILIADA

Uma rápida análise em grandes exposições de arte contemporânea permite observar à importância que questões ligadas a espiritualidade têm adquirido nestes espaços. Esta pesquisa analisou obras de arte expostas em quatro exposições ocorridas entre 2016 e 2019: 1) a *Bienal de Arte de Veneza*, de 2017 (Venice Biennale, 2017); 2) a *Documenta 14*, realizada em Atenas e Kassel, em 2017 (Documenta, 2017); 3) a 32^a. *Bienal de Arte de São Paulo*, realizada em 2016 (Bienal de São Paulo, 2016); 4) a exposição *Cosmópolis #2*, apresentada no Centro Georges Pompidou em Paris, em 2019 (Centre Pompidou, 2019).

A *Documenta* e a *Bienal de Veneza* estão entre as mais prestigiosas mostras de arte do mundo contemporâneo. Como tal, estas exposições são consideradas grandes termômetros das tendências e debates que perpassam a arte contemporânea. Uma análise do catálogo de obras expostas nessas duas exposições em 2017 mostra um elevado número de obras de artes cujas referências remetem a experiências relacionadas à espiritualidade. A *Bienal de São Paulo* também é uma tradicional exposição de arte contemporânea, considerada uma grande

referência na América Latina. Por fim, o estudo do projeto *Cosmópolis* realizado no Centro Georges Pompidou de arte contemporânea apresenta o que vem sendo realizado na França, que também é um grande centro difusor de movimentos e tendências artísticas atuais.

As duas últimas exposições foram escolhidas por terem como eixo central temáticas que, à primeira vista, não se relacionam com o espiritual, mas, que em uma análise mais aprofundada, podem demonstrar claramente sua relação com o tema. Tanto *Cosmópolis* quanto a 32ª *Bienal de São Paulo* possuem como tema central uma abordagem da crise climática e a problematização de alternativas societárias. Estas questões, como veremos, possuem importantes entrecruzamentos com a espiritualidade. A leitura cuidadosa dos catálogos disponíveis nos *websites* oficiais de cada uma das exposições identificou quais das obras possuem ao menos uma referência textual a questões ligadas à espiritualidade. Esta análise foi feita levando em consideração se no texto que acompanha o trabalho de cada um dos artistas existe alguma palavra que se refira a temáticas relacionadas ao espiritual.

No estudo sobre a *Documenta 14* foram utilizados os textos que acompanham a obra exposta, escritos pelos curadores, no site oficial. Na *Bienal de Veneza*, o *website* da exposição traz um vídeo acompanhando o trabalho de cada um dos artistas. Neste caso, foi feita uma análise textual e imagética destes vídeos, considerando especialmente aqueles que possuem textos, sejam eles falados ou escritos, exibidos na tela do vídeo. Em alguns casos, foram consideradas também imagens que faziam referência direta a cerimônias ou rituais religiosos. A partir do computo total de obras que mencionam e que não mencionam espiritualidade foi possível chegar ao percentual de obras relacionadas à espiritualidade em cada uma das exposições. Conforme tabela 1:

Tabela 1 - Obras Consultadas

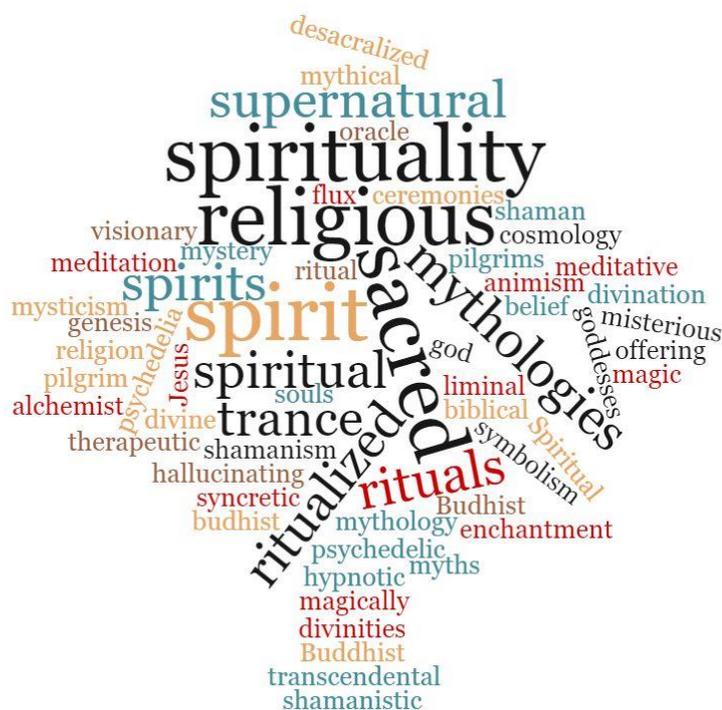
Exposição	Quantidade de obras exibidas	Obras que fazem referência à espiritualidade	
Bienal de Veneza	120	19	15%
Documenta 14	160	30	18%
32ª. Bienal de São Paulo	81	22	26%
Cosmópolis	36	11	31%
Total	397	82	20,65%

Fonte: Elaborado pela autora.

Observa-se que na *Bienal de Veneza*, dos 120 artistas participantes, 19 deles mencionam em algum momento termos relacionados à espiritualidade para descrever seus trabalhos. Na *Documenta 14*, dos 160 artistas, 30 referem-se à espiritualidade. Na 32ª *Bienal de São Paulo*, obras de 22 dos 81 artistas foram qualificadas pelos curadores da

amostra com pelo menos um termo que faz referência à espiritualidade. Por fim, na mostra *Cosmópolis #2*, realizada no Centro George Pompidou em Paris, onze das 36 obras presentes na mostra foram descritas pelos curadores a partir de alguma referência ligada à espiritualidade. Os dados mostram uma prevalência quantitativa de menções à espiritualidade em pelo menos 1/5 dos trabalhos expostos em grandes bienais de arte contemporânea, como se pode notar pelo percentual observado na *Bienal de Veneza* e na *Documenta 14*, ambas realizadas em 2017. Por outro lado, em exposições cujo tema central é a ecologia e a sustentabilidade, este percentual chega a 1/4 das obras, no caso da 32^a. *Bienal de São Paulo* e na mostra *Cosmópolis#2* chega a 1/3 das obras. Isso permite observar que, em se tratando da discussão sobre sustentabilidade e alternativas sociais, um número elevado de artistas considera que a solução criativa para estas crises está na busca por alguma forma de espiritualidade¹. Somando todas as exposições, a porcentagem de referências à espiritualidade chega a 20,65 %. A partir da leitura do catálogo virtual da exposição *Documenta 14*, foi possível identificar que das 160 obras expostas, 30 obras e artistas abordam diretamente o tema da espiritualidade. A nuvem de palavras a seguir permite observar quais termos são referidos com maior frequência no catálogo:

Ilustração 1 (Nuvem de Palavras)



Fonte: Produção da autora a partir dos textos do Catálogo da Documenta 14.

¹ Muitos artistas contemporâneos elaboram suas obras especificamente sobre a temática da crise climática, sobre este ponto consultar Volpe (2018).

Como é possível observar pela nuvem de palavras, apesar de os termos mais mencionados serem espiritual, religiosa, mitologia e sagrado, surgem termos associados a uma variedade de outras noções de sagrado. O termo espírito, aparece com alguma frequência, seguido de palavras como ritualizado, transe e crença. Depois, com menor frequência, há termos como psicodelia, xamanismo, visionário, meditativo e magia.

Noções como psicodelia, transe e xamanismo remetem ao vasto leque de espiritualidades esotéricas, associadas à *New Age* (Magnani, 2005). O aumento do interesse nestas espiritualidades pelo Ocidente se deu durante a ascensão da contracultura e do movimento *hippie* dos anos 1960, onde houve um grande interesse por cosmologias orientais e de povos nativos das Américas, África e Oceania. Neste período, tudo que era visto como uma alternativa ao pensamento e à religião ocidental, marcada pela mística judaico-cristã, foi tido como merecedor de ser explorado.

A temática do resgate e diálogo com a tradição surge como uma marca em seus processos criativos, o que se pode constatar pela frequência com que palavras como tradição, tradicionais e saberes, foram utilizadas nos textos elaborados pelos curadores para falar do trabalho destes artistas.

3 QUATRO ARTISTAS E SUAS PROPOSTAS DE DIÁLOGO COM O SAGRADO

Esta sessão irá descrever brevemente as obras de quatro artistas: Ernesto Neto, Airson Heráclito, Marko Pogačnik e Ana Harprin com o objetivo de formar uma breve amostra de artistas representativos das formas de crença não afiliada na arte contemporânea. Como será explicitado, estas obras adquirem um significado espiritual atribuído pelos artistas e curadores e pelo público que participa das performances e frequenta as exposições.

As obras descritas foram expostas na *Bienal de Arte de Veneza*, que ocorreu em 2017 e trouxe como tema *Vida, Arte, Vida*. O tema da exposição foi o fazer artístico na sua relação com o cotidiano. A exibição pretendeu abordar a arte como prática e como leitura de mundo, valorizando a maneira como o artista compreende seu trabalho e seu lugar na sociedade. Ao mesmo tempo, a escolha do tema pretendeu dar ênfase na compreensão do artista como indivíduo capaz de trazer magia e encantamento ao mundo através de sua arte.

A partir da relação entre arte e vida e entre arte e magia, surge a compreensão do artista como um mago, como alguém capaz de transformar o ambiente à sua volta. Este tema foi destacado na apresentação feita pelos curadores dos artistas presentes no Pavilhão da

Itália, descritos como *artistas magos*². A associação com a magia trouxe também a relação com o xamanismo (Benishek, 2015). A exibição, dividida em pavilhões, trouxe um Pavilhão dos Xamãs, onde o destaque foi dado para artistas cujas origens e fontes de inspiração do trabalho artístico estão situadas em regiões e culturas não-ocidentais. O pavilhão era composto por seis artistas: Ernesto Neto, Naufus Ramírez-Figueroa, Rina Banerjee, Younès Rahmoun, Enrique Ramírez e Ayrson Heráclito. Nenhum destes artistas é europeu, apesar de três deles viverem e trabalharem nos Estados Unidos e na Europa.

Além deste pavilhão, as obras inspiradas na espiritualidade e nos paradigmas holísticos perpassaram toda a exposição. Dentre os artistas presentes na *Bienal de Veneza* sem dúvida o trabalho que apresenta de forma mais literal a relação com o tema do xamanismo foi o do brasileiro Ernesto Neto (nascido em 1964), exposto no Pavilhão dos Xamãs. O artista levou ao pé da letra a proposta de integrar arte e xamanismo e convidou xamãs do povo indígena Huni Kuin para a realização de um ritual tradicional do seu povo, a dança da Jiboia, realizada com a utilização da ayahuasca (Goldstein; Labate, 2017, p. 449).

Ilustração 2 (A Sacred Place)



Fonte: Ernesto Neto (2017a).

Na 52^a *Bienal de Veneza*, o artista celebrou uma performance coordenada pelos indígenas, onde estes fizeram a distribuição ritual da ayahuasca para os presentes. A performance aconteceu no interior de uma escultura criada pelo artista. No canal da Bienal

² Este tema tem adquirido destaque nas discussões sobre arte contemporânea no Brasil, como se pode notar pela apresentação de uma tese de doutorado em Artes na Universidade de São Paulo sobre o tema (Linhares, 2018) e em cursos e formações oferecidos para artistas, como o curso *O Artista Mago*, oferecido por Nadan Guerra, na Ecovila Terrauna.

no *Youtube*, é possível assistir a um vídeo de 45 minutos, com uma parte do ritual (Neto, 2017b). No vídeo, os indígenas explicam para os presentes um pouco da sua compreensão sobre a ayahuasca. Alguns falam em sua língua nativa e são traduzidos por um intérprete que fala com Ernesto Neto em português, em seguida, o artista traduz o que é dito pelo indígena para o inglês para que os presentes possam compreender. Os indígenas falam de cosmologia e explicam o significado do ritual chamado *Dança da Jibóia*, que será realizado em seguida. Para os Huni Kuin, este rito relaciona-se com mitos de criação do mundo. Neto compara o ritual com o mito de Adão e Eva, na busca de fazer-se entender pelos presentes.

A circulação e recepção das obras de Ernesto Neto na Europa demonstra o interesse que o tema do xamanismo vem despertando recentemente na arte contemporânea. Muito deste interesse dialoga com a obra de antropólogos que se debruçaram sobre a questão das cosmovisões indígenas, como a noção de perspectivismo ameríndio. O perspectivismo é uma abordagem conceitual proposta pelo antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, que compreende a ontologia indígena como uma forma de ver o mundo onde a cultura mantém-se constante enquanto a natureza é uma variável. Segundo Viveiros de Castro, os indígenas possuem a capacidade de ver o mundo sob diversas perspectivas, adotadas por animais, plantas e seres espirituais, que variam de acordo com o posicionamento destes seres no sistema cosmológico (Viveiros de Castro, 2014).

Outro brasileiro a expor no Pavilhão dos Xamãs da *Bienal de Veneza* foi Ayrson Heráclito. O artista, que nasceu na cidade brasileira de Macaúbas em 1968, vive e trabalha em Salvador (Bahia). Suas obras possuem estreita relação com o universo das religiões afro-brasileiras. Heráclito ganhou notoriedade por trabalhos como a série *Bori*, inspirada no ritual afro-brasileiro homônimo (Heráclito, 2008-2011). A obra consiste em uma série de fotografias que retratam homens e mulheres negras em posição meditativa com as cabeças cobertas por alimentos, em uma referência visual à prática religiosa de *dar comida à cabeça* ou ritual do *Bori*.

Estes ritos são realizados pelos adeptos de religiões de matriz africana, onde alimentos são oferecidos aos Orixás, divindades que se acredita possuírem o poder de interferir na vida dos humanos (Bastide, 2001). Para estabelecer o contato e agradar os Orixás são feitas oferendas ao Ori, termo afro-religioso para cabeça. Heráclito também é professor da Universidade Federal do Recôncavo Baiano e declara seu pertencimento como Ogan (sacerdote iniciado) a uma casa de culto de religiões afro-brasileiras.

A obra apresentada por Ayrson Heráclito nesta *Bienal de Veneza* chama-se *O Sacudimento da casa da Torre* (2017) e remete a um ritual das religiões afro-brasileiras. A

obra apresentada no Pavilhão dos Xamãs em Veneza é composta por dois painéis dispostos um diante do outro, onde são exibidos vídeos de duas performances realizadas pelo artista, uma no Brasil e outra na África. Também estão dispostos no salão fotografias em grandes dimensões destas performances.

Ilustração 3 (*Sacudimento da Casa da Torre*)



Fonte: Ayrson Heráclito (2017a).

Heráclito afirma, em entrevista concedida para Régis Gonçalves (2017), que este é um dos trabalhos mais importantes da sua vida. A obra demorou mais de dez anos para ser realizada, pois demandou uma preparação espiritual, no Candomblé, e preparação financeira.

Nesta entrevista, o artista qualifica o trabalho como uma “limpeza” em dois espaços históricos relacionados à escravidão nas duas margens do Atlântico. Um deles está situado na margem brasileira, na Bahia: o Castelo Garcia D’Ávila, que pertenceu a um dos mais ricos e autoritários senhores de escravos da América, hoje classificado como patrimônio histórico pelo Instituto de Patrimônio Histórico Brasileiro (IPHAN). O outro local situa-se na África, trata-se da Casa dos Escravos, situada na Ilha de Goreé, no Senegal. Heráclito explica que o sacudimento é um ritual de limpeza, uma espécie de exorcismo para retirada de maus fluidos contidos em um local, descrito pelo artista como o ato de *limpar a casa com folhas sagradas* (Gonçalves, 2017).

A performance é uma limpeza espiritual destes espaços. O ritual utiliza-se de plantas para remover os maus espíritos. São folhas *quentes*, pois são associadas a divindades afro-brasileiras responsáveis pelo calor. Servem para afugentar a energia fria do morto, chamado nas religiões afro-brasileiras pelo termo Egun. Segundo Heráclito (2018), a intenção do

ritual não era purificar o espírito dos escravos mortos, mas sim atuar contra o espírito dos senhores de escravos, especialmente dos colonizadores. O rito tenta debelar a energia que o processo colonial deixou para o mundo, especialmente a escravidão (Gonçalves, 2017).

O trabalho do artista esloveno Marko Pogačnik, nascido em 1944, vai em uma direção semelhante ao de Heráclito, ao pretender realizar performances curativas sobre o ambiente. Pogačnik apresentou-se no Pavilhão da Terra da *Bienal de Veneza*. Suas obras baseiam-se na utilização de rochas para construção de espaços *site specific* aos quais atribui o valor sagrado (Pogačnik, 2017).

O artista desenvolve sua arte a partir de processos criativos que tem como objetivo curar a Terra das feridas impingidas pela ação humana. Um deles é a litopuntura, uma espécie de acupuntura da Terra, onde o artista posiciona pedras em locais estratégicos e esculpe nestas pedras símbolos específicos chamados cosmogramas (Pogačnik, 2020). A obra assemelha-se a menires, monumentos megalíticos, geralmente neolíticos, compostos por grandes pedras dispostas verticalmente com intuito da observação astronômica ou adoração a totens e espíritos.

Ilustração 4 (Geopuncture Circle)



Fonte: Marko Pogačnik (2020).

De forma semelhante a Ayrson Heráclito, suas obras de arte são uma espécie de ritual, que possui um objetivo mágico. No trabalho de Heráclito, o objetivo é exorcizar, também por meio mágico, uma memória social, a da escravidão. Já, para Pogačnik (2017), sua magia tem como objetivo curar a Terra, atuando contra os desequilíbrios ecológicos e mudanças

climáticas. As obras têm em comum a intensão do artista de atuar por meio mágico para a cura de um problema social.

No vídeo de Pogačnik, exibido no site da *Bienal*, o artista fala que compreende os Canais de Veneza, como o corpo híbrido de Gaia, o lugar onde ela deu à luz à estrutura pluridimensional do planeta. Por esta semelhança, os canais podem ser comparados ao labirinto, pequeno órgão situado dentro do ouvido, responsável pelo equilíbrio do corpo humano. Para Marko Pogačnik, os Canais de Veneza constroem a cidade em perfeito equilíbrio entre água e fogo (Pogačnik, 2017).

Marko Pogačnik (2019) criou também exercícios chamados de *Gaia touch*. Este processo tem como objetivo ajudar no desenvolvimento do indivíduo em sua concepção com Gaia, a alma da Terra. Desenvolveu, juntamente com colaboradores ao redor do mundo, a técnica dos geocírculos, uma complexa composição de pedras e cosmogramas para estabelecer uma relação entre a humanidade e a Terra. Segundo o vídeo gravado para a *Bienal de Veneza*, pretende introduzir os visitantes de museus a um novo espaço tridimensional (Pogačnik, 2017).

Além de uma instalação com trabalhos do artista, a Bienal de Veneza organizou uma mesa redonda com Marko Pogačnik, David Nez e Milenko Matanović. O trabalho de Marko Pogačnik teve início nos anos 1960. Em 1966, fundou, juntamente com Nez e Matanović, o movimento OHO, na Eslovênia (Pogačnik; Matanovic; Nez, 2017). O movimento aproximou-se da arte conceitual, da arte povera e da *land art*, interessando-se em construir um mundo onde não existisse hierarquia entre objetos inanimados e a ação humana (MoMa, 2020).

Em sua terceira fase, o movimento OHO aproximou-se de uma abordagem esotérica e ecológica, onde o tema de suas obras era a busca de uma unidade harmônica entre os membros do grupo, entre o grupo e a natureza e o universo como um todo. Chegaram a criar uma comunidade ecológica em uma área rural da Eslovênia, inspirada no modelo da Findhorn, fundada em 1962, na Escócia, da qual David Nez também fez parte (Pogačnik; Matanovic; Nez, 2017).

Nez foi o último a se juntar ao grupo, em 1971. Nez nasceu nos EUA em Denver, Colorado e foi à Eslovênia para fugir da Guerra do Vietnã. Ao ingressar na academia de arte, o artista encontrou um ensino de arte muito tradicional. Decidiu então juntar-se ao coletivo OHO, onde trabalhou até 1972 (Pogačnik; Matanovic; Nez, 2017). Após a separação do coletivo, David Nez foi para a Índia em busca de iluminação e esteve também na Escócia, vivendo na Findhorn Foundation, uma das primeiras ecovilas do mundo, ativa até hoje.

Em 1972, os membros do grupo decidiram abandonar o projeto de coletivo em prol de suas buscas individuais. Após a saída do OHO, Pogačnik começou a trabalhar sozinho com acupuntura da Terra, curando feridas impostas pela civilização, posicionando pedras em pontos específicos da terra, para equilibrar e revitalizar locais que sofreram desequilíbrios ecológicos e pela guerra. A partir de 1997, o artista considera que o ciclo de mudanças na Terra, devido a problemas ecológicos, entrou em um novo passo da sua evolução (Pogačnik, 2017).

A trajetória de Pogačnik e de seus companheiros do movimento OHO demonstra grande afinidade entre a prática artística e uma trajetória como buscadores espirituais. Trata-se de pessoas que se dedicam a procurar e consumir experiências místicas e espirituais, oriundas de fontes variadas como o esoterismo, o budismo, o xamanismo e a yoga. A partir de experiências com informações provenientes de diversos sistemas espirituais, os buscadores constroem seu próprio sistema de crenças. Em se tratando de artistas, é comum que elementos e influências contidos nestes universos espirituais se revelem também em suas criações.

Por último, tem-se a trajetória da dançarina e performer Anna Halphin. O Pavilhão do Comum na Bienal de Veneza abordou obras e artistas que têm como principal característica a partilha e o coletivo. Anna Halphin é um grande exemplo destes artistas. Halphin inspirou uma geração, ao proporcionar uma revolução na arte da dança, buscando ancorá-la em vivências pessoais. O trabalho de Anna Halprin evoluiu entrelaçado com as experiências pessoais e terapêuticas que viveu. Ao ser diagnosticada com câncer nos anos 1970, a artista utilizou a dança como um processo pessoal de cura. Com base nesta experiência, fundou, com sua filha Daria Halphin, o Tamala Institute, onde ensina as técnicas desenvolvidas por elas para um vasto público (Tamalpa Institute, 2023).

A performance *Planetary Dance*, cujos vídeos foram exibidos na *Bienal de Veneza*, já foi realizada em mais de 50 países para diversos públicos. No vídeo documentário de 12 minutos, produzido pela equipe da artista (Halprin, 2017b), podemos ter uma noção de como funciona esta performance e de como ela dialoga com o universo da espiritualidade. De início, surgem na tela algumas imagens do processo, narradas pela voz da Anna:

Nós fazemos todas as primaveras. As pessoas vão para o pico de Montamo pies ao nascer do sol e dão boas-vindas ao sol. Nós temos uma série de flautas peruanas que nós tocamos enquanto o sol está nascendo. É muito místico, muito espiritual³ (Halprin, 2017a, s/p, tradução nossa).

³ *We do it every spring, people go up to the peak of Montamo Pies at sunrise and welcome the sun. we have a set of Peruvian whistles that we blow as the sun is coming up. So, it is very mystical, very spiritual.*

Após a saudação ao sol, os participantes descem da montanha e começam a aprender a dança, que é dançada em círculos, na forma de uma mandala. A artista descreve a experiência como um movimento com propósito, que funciona como um ritual. Logo no início do vídeo sobre a Dança Planetária, uma narrativa escrita em fundo preto dá a conhecer a origem da dança planetária:

Em 1981, a Baía de São Francisco foi tomada por um medo paralisante. As mulheres que caminhavam pelas trilhas do monte Tamalpa estavam sendo perseguidas e mortas. Em resposta ao terror, Ana Halprin levou um grupo de pessoas para as montanhas para recuperá-las, através de um ritual de música, dança e oração. Logo após a cerimônia, o assassino foi capturado. A primeira cerimônia evoluiu para um encontro anual comunitário para cura e pela paz, que se espalhou pelo mundo⁴ (Halprin, 2017b, s/p, tradução nossa).

Ilustração 5 (Planetary Dance)



Fonte: Tamalpa Institute (2023).

Podemos compreender, pelo discurso da artista e daqueles que celebraram a dança planetária durante todos estes anos, que se trata de uma performance, cujo sentido, assim com outras obras analisadas anteriormente, segue também uma lógica mágica. A intenção da celebração é produzir efeitos sobre o mundo, isto é característico da magia, e foi com esta intenção que muitos rituais mágicos foram celebrados antes mesmo da invenção da arte.

⁴ *In 1981, a paralyzing fear gripped the San Francisco Bay area. Women hiking Mt. Tamalpais and other trails were being stalked and murdered. In response to the terror, ana Halprin led a group of people to the Mountain to reclaim it through a ritual of dance, music and prayer. Soon after the ceremony the killer was captured. The first ceremony has evolved into an annual community gathering for healing and peace that has spread around the world.*

4 ARTE, MAGIA E MISTICISMO: GALERIAS E EXIBIÇÕES DE ARTE COMO ESPAÇOS DE MANIFESTAÇÃO DA CRENÇA NÃO-AFILIADA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

O conceito de magia apresentado pelo antropólogo Marcel Mauss a partir do seu estudo dos povos não-ocidentais tem interessantes paralelos com as práticas mágicas descritas anteriormente, que são empreendidas pelos artistas contemporâneos. Diz Mauss:

Todo ato mágico é representado como tendo por efeito seja colocar seres vivos ou coisas num estado tal que certos gestos, acidentes ou fenômenos devam suceder-se infalivelmente, seja fazê-los sair de um estado prejudicial. Os atos diferem entre si conforme o estado inicial, as circunstâncias que determinam o sentido da mudança e os fins especiais que lhes são atribuídos, mas eles se assemelham por terem como efeito imediato e essencial modificar um estado dado (Mauss, 2003, p. 97).

Segundo Mauss (2003), magia é a atitude do mago de realizar um ritual com o objetivo de modificar uma realidade, ou seja, produzir um efeito no mundo. Alguns acreditam que a origem da arte é a magia, visto que todas as primeiras formas de arte surgiram com intensões utilitárias, desde pintar bisões nas cavernas pré-históricas. Independente desta origem, o fato é que hoje muitos artistas tentam resgatar este caráter utilitário e pragmático da arte.

A partir do estudo qualitativo de trabalhos de quatro artistas que tiveram suas obras exibidas na Bienal de Veneza de 2017, foi possível perceber que o tema da magia e da eficácia da arte como instrumento transformador da realidade esteve fortemente presente nestas obras. Todas as obras de arte descritas nesta pesquisa funcionaram como atos mágicos, pois pretenderam causar efeitos reais na sociedade, a partir da crença subjacente em algum princípio místico. São performances repletas de elementos retirados de sistemas de crenças que acreditam na possibilidade desta transformação ritual do mundo, por meio da magia.

A performance de Ernesto Neto consistiu em um rito Huni Kuim com todas as suas implicações simbólicas e políticas. A obra pretendia realizar um efeito mágico de proporcionar aos participantes um contato, ainda que experimental e momentâneo, com o modo de vida e a espiritualidade amazônica.

Dada esta característica ritual, alguns destes trabalhos não puderam ser recriados no espaço da *Bienal*. Suas propostas estavam atreladas a locais específicos, como o *sacudimento* realizado por Ayrson Heráclito, que só fazia sentido dentro do espaço físico escolhido pelo artista. Sua proposta era agir mágica e simbolicamente como uma limpeza dos sofrimentos e efeitos dolorosos da escravidão.

Outros trabalhos, como o de Marko Pogačnik e de Ana Halprin extraem seu potencial simbólico pela trajetória histórica. Trata-se de performances que já foram realizadas em diversos locais e ocasiões, ambos trabalhos têm em comum o enfoque ambientalista do ser humano e do planeta.

No contexto de acentuação do caráter político da arte, tem sido bem aceito no circuito das galerias, bienais e museus, estas obras de arte que também problematizam questões ecológicas e de ativismo político em prol dos povos e culturas nativas de diversas regiões do globo. Este tipo de trabalho costuma trazer um diferencial artístico ao propor que o público vivencie experiências performáticas em ambientes imersivos. Usualmente, o propósito declarado de artistas e curadores ao construírem tais experiências é estabelecer uma empatia do público com os modos de vida de povos retratados nestas obras. O propósito político também é oferecer uma crítica à degradação ambiental e a crise climática.

Outro ponto muito presente no discurso sobre estes artistas é a referência ao misticismo, ao animismo e ao xamanismo. A noção de um xamã como líder espiritual que possui algum conhecimento secreto, passível de ser repassado para aqueles que o procuram, é utilizada de forma recorrente como um *marketing* pessoal proposto por estes artistas e endossado pela forma como é divulgado o trabalho do artista.

A proposta estética destes artistas também vai ao encontro deste imaginário, quando operam por meio de grandes instalações de caráter imersivo, nas quais o visitante é convidado a participar e ingressar em um cenário onde supostamente se abririam para ele novas compreensões de mundo.

Este conjunto de fatores da Arte Contemporânea ligada à espiritualidade costuma ser noticiado pela mídia e pela crítica de arte de maneira positiva e destacada. Constrói-se nestes discursos uma associação entre ecologia, ativismo e misticismo. Esta equação sugere que a superação dos problemas ecológicos poderia vir através de uma redescoberta de cosmologias, experiências místicas e estéticas dos povos não-ocidentais.

Estudos sobre pessoas sem religião, e sem religião com crença têm demonstrado que existe uma constante insatisfação desses indivíduos com relação às religiões institucionalizadas. Muitas vezes estes sujeitos demonstram que preferem buscar seu próprio caminho, construir sua própria fé. Como apontam Ritz e Senra:

O pluralismo e a diversidade religiosa, associados ao perfil de pessoa buscadora no vasto mercado de bens religiosos, há muito vem demonstrando que indivíduos se veem habilitados a organizar o seu próprio leque de crenças e de experiências múltiplas (Ritz; Senra, 2022, p. 327).

O estudo dos autores entre pessoas que se declaram sem religião demonstrou que a fragilização da tradição, juntamente com a necessidade de construir uma trajetória própria perante o sagrado, contribui para que jovens estejam entre os que cada vez mais se declaram sem religião.

Claudia Ritz (2023) também demonstrou que, entre os jovens sem religião, experiências ligadas à arte surgem como preferência nas atividades de lazer. Trata-se geralmente de leitura, música e cinema. Portanto, pode-se observar que enquanto o jovem se afasta da religião institucionalizada para buscar experiências artísticas refugia-se na arte como forma de lazer e compreensão de mundo.

A sociedade secularizada transforma museus e galerias de arte em espaços onde se torna possível engajar-se em rituais. Esta prática mobiliza um comportamento mágico não mais aceito para lidar com a política tradicional e outras esferas do cotidiano. Porém, quando aliado à arte, este comportamento passou a ser uma alternativa para solucionar um grande problema social como a crise ecológica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados apresentados nesta pesquisa levam a crer que, em um mundo onde as instituições religiosas tradicionais são vistas sob muita suspeita, espaços normalmente reservados à ludicidade, como as galerias de arte, estão conseguindo construir novas formas de credibilidade para a espiritualidade. Esta nova credibilidade para o espiritual e o mágico surge com base em um resgate do tradicional, como a natureza e os povos originários.

Esta experiência do sujeito com a espiritualidade, seja do artista ou do público, busca provocar reflexões de cunho social e político. Esta é a razão pela qual as práticas espirituais nas quais se inspiram os artistas contemporâneos são encontradas em civilizações e culturas não-ocidentais. Estas culturas, por serem consideradas mais respeitadas e conectadas com a natureza, são percebidas por artistas e pelos curadores de arte contemporânea como modelo a ser seguido pela civilização ocidental.

Em uma sociedade onde as religiões tornam-se suspeitas ou desinteressantes, as galerias de arte se reencantam e se ritualizam, num movimento que é realizado deliberadamente pelos artistas. No caso dos artistas observados nesta pesquisa, alguns poderiam ser caracterizados como sem religião com crença, pois são buscadores espirituais ecléticos. Pode-se incluir nesta categoria Anna Halphin, com sua dança planetária, Marko Pogačnik com suas práticas de litopuntura e seu diálogo com a contracultura e Ernesto Neto, com suas performances baseadas em rituais indígenas com uso de ayahuasca. Estes artistas

apresentam características de buscadores espirituais, que transparecem em suas falas e em suas obras de arte, cuja proposta é proporcionar ao público experiências de natureza espiritual nas quais eles próprios parecem acreditar.

Outros destes artistas são sujeitos religiosos que, ao levar sua espiritualidade para galerias de arte, oferecem ao público experiências rituais de espiritualidade descontextualizadas do espaço religioso institucional. Um caso emblemático deste tipo de sujeito religioso é Ayrson Heráclito, um iniciado do Candomblé, cujas obras de arte adquiriram reconhecimento internacional por levar às galerias de arte referências a esta religião.

Este movimento dos artistas em direção à espiritualidade reflete um retorno da arte a um lugar que ocupou durante muitos séculos na história, de espaço de reflexão e conexão com o sagrado. Porém, diferente da arte da antiguidade e da idade média, esse sagrado não é mais o sagrado de uma religião oficial de um grupo ou classe dominante. A inovação é que as obras de arte contemporânea que estabelecem este diálogo buscam levar ao público uma noção de espiritualidade como experiência interior e construção pessoal.

Estas obras e o destaque que tem obtido nas galerias de arte nacionais e internacionais apontam para uma reconfiguração do lugar da espiritualidade na arte contemporânea. É possível que o avanço mundial da parcela da população que se declara sem religião tenha relação com estas mudanças na percepção do lugar do sagrado na arte, influenciando na construção do trabalho dos artistas, em diálogo com os curadores e o público. Ainda há muito a ser pesquisado sobre este tema, no sentido de confirmar ou não as hipóteses levantadas neste artigo, que pretendeu ser uma contribuição preliminar ao debate sobre arte, espiritualidade e pessoas sem religião.

REFERÊNCIAS

32a Bienal de São Paulo - Incerteza Viva. 2016. Disponível em: <http://www.32bienal.org.br/pt/>. Acesso em: 10 mai. 2013.

BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia (Rito Nagô).** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BENISHEK, Denita. The Contemporary Artist as Shaman. **ReVision**, San Francisco, Califórnia, v.2, n. 32. p. 2-3, 2015.

CENTRE POMPIDOU. **Cosmopolis #2, Rethinking the Human.** Paris, 2019. Disponível em: <https://cosmopolis.centrepompidou.fr/home>. Acesso em: 20 março 2020.

DOCUMENTA. **Documenta 14.** Kassel, Athenas, 2017. Disponível em <https://www.documenta14.de/en/>. Acesso em 30 abr. 2021.

DOMINGUEZ, Maria Jesus Godoy. La Condición Sacra Del Desacralizado Arte Contemporáneo. **AISTHESIS**, Pontificia Universidad Católica del Chile, Santiago, v. 1, n. 59, p. 203-22, 2016.

GOLDSTEIN, Ilana; LABATE, Beatriz Caiuby. Encontros Artísticos e Ayahuasqueiros: reflexões sobre a colaboração entre ernesto neto e os Huni Kuin. **MANA**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 23, p. 437-71, 2017.

GONÇALVES, Régis. **Ayrson Heráclito in Conversation with Régis Gonçalves & Contemporary Art**. Youtube. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X44NTFL1y58>. Acesso em: 18 abr. 2020.

HALPRIN, Anna. **Documentary Film on Planetary Dance**. San Rafael, Califórnia, 2017a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cq9Qvk9OQvI>. Acesso em: 15 ago. 2020.

HALPRIN, Ana. **Planetary dance with Anna Halprin: Make Peace with the Planet**. USA. 2017b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D2HL9X6kr2s&list=PLFWdoJrTfFKHXtibSep--TunPygZKS7RA&index=5>. Acesso em 18 jul. 2024.

HERÁCLITO, Ayrson. **Sacudimento da casa da torre**. Veneza: Contemporary Art Group, Veneza, 2017. Disponível em: <http://contemporaryartgroup.info/view/venice2017/index.php?id=15949>. Acesso em: 16 jul. 2020.

KANDINSKY, Wassily. **Do espiritual na arte e na pintura em particular**. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

LINHARES, Claudia Rodriguez-Ponga. **Pequeno Tratado Sobre Arte & Magia**. São Paulo, 2018. 230 f. Tese (Doutorado em Artes) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.

MAUSS, Marcel. Esboço de uma teoria geral da magia. In: MARCEL, Mauss. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 47–181

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Xamãs na cidade. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, p. 218-227, 2005.

NETO, Ernesto. **A Sacred Place**. Veneza: 52a. Bienal de Veneza. Veneza, 2017a. Disponível em: <https://universes.art/es/bienal-venecia/2017/viva-arte-viva/photos-arsenale-2/ernesto-neto-huni-kuin-2>. Acesso em: 07 jun. 2020.

NETO, Ernesto. **Biennale Arte 2017 - Ernesto Neto (Performance)**. Biennale Chanel. Veneza, 2017b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VsHWj5IdA2E>. Acesso em: 07 jun. 2020.

POGAČNIK, Marko. **Biennale Arte 2017 - Marko Pogačnik**. Biennale Chanel, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MzrulCqz-50>. Acesso em: 23 abr. 2021.

POGACNIK, Marko; MATANOVIC, Milenko; NEZ, David. **“Biennale arte 2017 - Marko**

Pogačnik, Milenko Matanović, David nez (Open table).” Veneza: Biennale Chanel, 2017. Disponível: <https://www.labiennale.org/en/biennale-channel/biennale-arte-2017-marko-pogačnik-milenko-matanović-david-nez-open-table>. Acesso em: 23 abr. 2021.

POGAČNIK, Marko. **Gaia Touch**. 2019. Site pessoal do artista. Disponível em : http://www.markopogacnik.com/?page_id=254. Acesso em 18 jul. 2024.

POGAČNIK, Marko. **Geopuncture Circles**. Site pessoal do artista. 2020. Disponível em: http://www.markopogacnik.com/?page_id=888. Acesso em: 23 abr. 2021.

RITZ, Claudia Danielle Andrade; SENRA, Flávio. Pessoas sem religião com crenças: considerações sobre o fenômeno religioso dos sem religião. **Caminhos-Revista de Ciências da Religião**, Goiânia, v. 20, n. 3, p. 316-334, 2022.

RITZ, Claudia Danielle de Andrade. Agnósticos, ateus e sem religião com crença: a ausência da religião e a predileção pela arte como traços identitários. **Caminhos-Revista de Ciências da Religião**, Goiânia, v. 21, n. 2, p. 360-379, 2023.

SENRA, Flávio *et al.* Novos movimentos religiosos e espiritualidades laicas. **Caminhos-Revista de Ciências da Religião**, Goiânia, v. 20, n. 3, p. 309-315, 2022.

TAMALPA INSTITUTE. **Planetary Dance**. San Rafael, Califórnia, 2023. Disponível em : <https://www.tamalpa.org/calendar/anna-halprins-38th-annual-planetary-dance>. Acesso em: 12 nov. 2023.

VENICE BIENNALE. **Biennale Arte 2017. 57th International Art Exhibition**. Viva Arte Viva. Veneza, 2017. Disponível em: <https://www.labiennale.org/en/art/2017>. Acesso em: 15 abr. 2021.

VILHENA, Joana da Cunha e Costa Consiglieri de. **Artista Xamã Nas Artes Plástica**: uma experiência xamânica e ecológica na arte contemporânea. Lisboa, 2013. 606 f. Tese (Doutoramento em Belas Artes) – Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/8011>. Acesso em: 25 out. 2024.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A Inconstância Da Alma Selvagem**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

VOLPE, Christopher. Art and Climate Change: Contemporary Artists Respond to Global Crisis. **Zygon**, Birkbeck, University of London, v. 2, n. 53, p. 613–23, 2018

***Apoio:** Fundação para Ciência e Tecnologia de Portugal.*

***Conflito de interesses:** A autora declara não haver conflito de interesses.*

***Recebido em:** 12-11-2023*

***Aprovado em:** 14-05-2024*

***Editor de seção:** Flávio Senra*